



Faculdade de Pindamonhangaba



**Ana Laura da Silva Pereira
Laís Olivia Monteiro
Mayara de Paula Pires**

**A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS ESCOLAS E A
COMUNICAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

**Pindamonhangaba - SP
2018**



Faculdade de Pindamonhangaba



**Ana Laura da Silva Pereira
Laís Olivia Monteiro
Mayara de Paula Pires**

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS ESCOLAS E A COMUNICAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba (FUNVIC).

Orientadora: Profa. Fernanda Gonçalves de Carvalho

**Pindamonhangaba – SP
2018**

Pereira, Ana Laura da Silva; Monteiro, Laís Olivia; Pires, Mayara de Paula.
A inclusão de alunos surdos nas escolas e a comunicação da Língua Brasileira de
Sinais/ Ana Laura da Silva Pereira; Laís Olivia Monteiro; Mayara de Paula Pires/
Pindamonhangaba-SP: FUNVIC Fundação Universitária Vida Cristã, 2018.
30f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) FUNVIC-SP.
Orientadora: Profa. Fernanda Gonçalves de Carvalho.

1 LIBRAS. 2 Inclusão. 3 Surdez. 4 Criança

I A Inclusão de Alunos Surdos nas Escolas e a Comunicação em LIBRAS II Ana
Laura da Silva Pereira; Laís Olivia Monteiro; Mayara de Paula Pires.



Faculdade de Pindamonhangaba



Ana Laura da Silva Pereira
Laís Olivia Monteiro
Mayara de Paula Pires

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS ESCOLAS E A COMUNICAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba (FUNVIC).

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. _____ - Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. _____ - Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. _____ - Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Dedico este trabalho inteiramente aos meus pais, Valmir e Marisa e ao meu irmão Erick, que sempre estiveram do meu lado me apoiando e incentivando para que fosse possível eu chegar até aqui.

Ana Laura da Silva Pereira

Dedico este trabalho inteiramente à minha família, pelo apoio e incentivo durante todo o curso, por estarem sempre ao meu lado, suportando os momentos de crises, lágrimas e de alegria também. Foi uma jornada e tanto, muitas conquistas, algumas tranquilas e outras nem tanto, mas todas realizadas com sucesso e paixão, paixão essa que deixa enorme satisfação pelo caminho traçado até aqui.

Laís Monteiro

Dedico este trabalho aos meus pais e ao meu noivo que sempre me apoiaram.

Mayara Pires

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos ter dado força e saúde para enfrentarmos todas as dificuldades e nos mostrar o caminho possível para chegarmos até aqui.

Agradecemos aos nossos pais e familiares que estiveram presentes em todo o momento dessa jornada, e que em momento algum nos desampararam, sempre nos incentivaram a continuar.

Agradecemos a nossa Professora e orientadora Fernanda, por ter acreditado sempre em nossa capacidade, que dedicou o seu tempo para nos guiar, aconselhar e estar presente junto conosco, enfrentando juntas as nossas dificuldades. Se conseguimos desenvolver este trabalho, devemos a ela, que não nos desamparou em um só momento.

Agradecemos a todos os professores que contribuíram e foram essenciais para a nossa formação, tanto profissional quanto pessoal.

Por fim, agradecemos ao nosso colega Davi, que se propôs a nos ajudar de forma produtiva.

“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações (...) Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos”.

(Albert Einstein)

RESUMO

O tema A inclusão de alunos surdos nas escolas e a comunicação da língua brasileira de sinais teve como objetivo compreender se existe a inclusão das crianças surdas nas escolas, e como ocorre tal inclusão. Entender como a criança surda se comunica mediante a Língua Brasileira de Sinais e pesquisar a importância da comunicação em LIBRAS para a vida dos surdos. Para que fosse possível realizar esta pesquisa, partimos de estudos bibliográficos embasados em autores correlacionados ao tema proposto. Após a análise de livros e artigos, chegamos à conclusão de que, a inclusão e a socialização do aluno surdo são possíveis desde que a família caminhe junto com a escola, contribuindo para o desenvolvimento do aluno. Uma criança surda é capaz de fazer tudo, desde que a mesma não apresente problemas cognitivos e tenha suporte e orientações apropriadas. Pudemos ter noção de como a inclusão acontece em escolas regulares, como a comunicação mediante a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) está inserida no meio escolar, e se existe uma devolutiva do processo para o aluno surdo e seus familiares. Consideramos o tema extremamente importante, pois, a cada dia é possível observar que a inclusão no Brasil não acontece de forma adequada, não contemplando todos, de forma a garantir o direito à educação. Para nós, futuras educadoras, sentimos que temos o dever de ter o compromisso e atenção para com a inclusão, entendendo o processo e assim poder contribuir para que a inclusão de fato aconteça. Pudemos compreender também qual a diferença entre surdo e pessoa com deficiência auditiva. Sendo assim, temos que saber como devemos trabalhar com as crianças surdas e entender sua forma de comunicação, a fim de contribuirmos para o seu desenvolvimento educacional e profissional.

Palavras-chave: Libras. Inclusão. Surdez. Criança.

ABSTRACT

The theme The inclusion of deaf students in schools and the communication of Brazilian sign language was aimed at understanding the inclusion of deaf children in school and how this inclusion occurs. Understand how the deaf child communicates through the Brazilian Sign Language. And research the importance of communication in LIBRAS for the life of the deaf. In order to be able to carry out this research, we start from bibliographic studies based on authors correlated to the proposed theme. After analyzing books and articles, we came to the conclusion that inclusion and socialization of the deaf student are possible as long as the family walks with the school, contributing to the development of the student. A deaf child is able to do everything, as long as the child has no cognitive problems and has appropriate support and guidance. We could have notion of how inclusion occurs in regular schools, such as communication through the Brazilian Sign Language (LIBRAS) is inserted in the school environment, and whether there is a devolution of the process to the deaf student and their relatives. We consider the topic extremely important, since, every day it is possible to observe that the inclusion in Brazil does not happen in an appropriate way, not contemplating all, in order to guarantee the right to education. For us, future educators, we feel we have a duty to have the commitment and attention to inclusion, understanding the process and thus be able to contribute to the inclusion of fact to happen. We could also understand the difference between the deaf and the hearing impaired. Therefore, we must know how we should work with deaf children and understand their way of communicating in order to contribute to their educational and professional development.

Keywords: Libras. Inclusion. Deafness. Child.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MÉTODO	11
3 REVISÃO DA LITERATURA	12
3.1 A ORIGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	13
3.2 O PAPEL DA FAMÍLIA PARA COM A CRIANÇA SURDA	14
3.2.1 O Papel da Família sem o apoio da Escola	15
3.2.2 O Papel da Família juntamente com a Escola	16
3.3 SURDO X DEFICIENTE AUDITIVO	18
3.3.1 Graus de perda auditiva	20
3.4 A CRIANÇA SURDA NO MEIO ESCOLAR	21
3.5 A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR LIBRAS NA ESCOLA	21
3.6 A LEI QUE GARANTE A EDUCAÇÃO PARA AS PESSOAS SURDAS	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

As escolas estão recebendo cada vez mais alunos surdos, que fazem uso da Língua Brasileira de Sinais, os surdos possuem uma cultura e uma identidade própria, diferente daquela em que os professores estão acostumados. Para que haja uma comunicação efetiva entre todos, a escola precisa articular estratégias que possibilitem a inclusão, motivando os surdos a fazerem parte da sociedade.

Trata-se de um tema polêmico, e quando citado na educação se agrava a questão. Percebe que “é no início do século XVI quase começa a admitir que os surdos possam aprender através de procedimentos pedagógicos, sem que haja interferências sobrenaturais” (LACERDA, 1998). Desde então, as pessoas começaram a buscar meios para entender e ajudar as pessoas surdas.

A escolha do tema foi unânime, quem nunca ouviu ou presenciou alguém falar sobre a dificuldade que uma pessoa surda apresenta de socialização, não porquê tem vergonha de ser surdo, mas porque a sociedade não está pronta e nem preparada para receber pessoas surdas.

Pesquisar sobre este tema, nos motiva a entender como o assunto é tratado na educação em relação aos alunos surdos, descobrir como a sociedade os recebe e de que forma eles conseguem aprender.

A pesquisa partiu das seguintes questões: a) qual deveria ser o papel da família para ajudar na inclusão do filho surdo? b) como seria possível contribuir efetivamente com a inclusão dos alunos surdos nas escolas?

Partimos das seguintes hipóteses: Existe a necessidade por parte dos pais de compreenderem o que é a surdez, e assim aceitar a condição de seu filho desde quando descoberto. A escola precisa estar preparada para receber o aluno surdo com materiais adaptados e um intérprete para ajudá-lo no entendimento e socialização.

As crianças surdas em geral não têm possibilidades para esse/a desenvolvimento/ apropriação, já que a maioria das vezes não tem acesso à língua utilizada por seus pais (ouvintes). Tais crianças permanecem no meio familiar aprendendo coisas do mundo e da linguagem de forma fragmentada, dada à impossibilidade de acesso a língua a qual estão sendo expostas. (LACERDA; LODI, 2009, p. 14).

Portanto, é de suma importância entender como a escola deveria se preparar para receber a criança surda, como seria os ambientes e os profissionais que atuam no espaço escolar, e,

principalmente seria necessário conhecer a família do aluno surdo para que seja possível compreender o seu mundo e possibilitar uma comunicação efetiva.

Buscando responder aos questionamentos iniciais, os objetivos específicos deste trabalho foram: a) compreender se existe a inclusão das crianças surdas na escola, e como ocorre esta inclusão; b) entender como a criança surda se comunica mediante a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e c) pesquisar a importância da comunicação em LIBRAS para a vida dos surdos.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fazendo-se uso de livros, artigos, documentos oficiais que fundamentam o uso da Língua Brasileira de Sinais e documentos que trazem como tema a educação para surdos.

A busca foi realizada nas bibliotecas de Pindamonhangaba e em *sites* especializados, principalmente no Scielo, partindo das palavras-chave: LIBRAS, inclusão, surdez e criança.

3 REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com Lacerda e Lodi (2009), para a inclusão de alunos surdos é essencial o desenvolvimento de diversas mediações no interior da escola. No entanto, não podem ser realizadas apenas no plano teórico, é necessário que haja funcionários capacitados para atender os alunos surdos, já que a escola receberá significativo número de alunos portadores dessa condição, sendo possível compreender a importância de haver uma equipe escolar pronta e capaz de atuar adequadamente com os alunos surdos e multiplicar suas experiências junto a eles.

Uma escola que acolha surdos e tenha em seu currículo a disciplina de língua de sinais, que deve ser formalmente estudada como qualquer outra língua, e possa contar também com a leitura e escrita, incorpora uma ferramenta decisiva para o processo de aprendizagem de seus alunos [...]. (STUMPF, 2011, p.16).

O aluno surdo tem que se sentir tranquilo e acolhido em seu ambiente escolar, ele precisa adquirir confiança em seus professores e colegas, para isso, se faz necessário que a escola esteja preparada e apta a recebê-lo de forma a adaptar os ambientes e disponibilizar recursos adequados.

A educação especial tem o papel de atender as condições de uma sociedade em processo de renovação e de busca pela democracia que só será alcançada quando todas as pessoas tiverem acesso à informação (BRASIL, 1994).

A escola tem como propósito não deixar nenhum aluno fora do ensino regular, fazendo assim uma adaptação em que o aluno consiga acompanhar os demais da classe, provas, trabalhos e espaço devem ser adaptados. Tem como demanda apreciar a pedagogia da diversidade, sendo assim, a escola deve ser criativa no sentido de buscar soluções fazendo com que o aluno tenha um bom resultado escolar e social (MAZZOTA, 2001).

Quando convivem na comunidade surda, os surdos se sentem mais motivados a valorizar a condição cultural de ser surdo, ficam mais orgulhosos e autoconfiantes, estabelecem relações interculturais, entendem as diferenças dos outros mundos e das culturas, vêem-se como sujeitos “diferentes” e não aceitam ser chamados de “deficientes”. (CHOI et al, 2011, p. 28).

É relevante saber que os surdos conseguem fazer seus deveres normalmente como qualquer outra pessoa e temos que respeitar.

É imprescindível realçar que o surdo não aceita ser chamado de diferente ou deficiente, porque eles não são, os surdos têm sua própria cultura e um jeito de apreciar o mundo semelhante ao restante das pessoas.

3.1 A ORIGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais ganhou espaço a partir de 1857, quando Ernest Huet, um francês que ficou surdo aos doze anos de idade veio ao Brasil a convite de D. Pedro I. Huet, juntamente com D. Pedro I, fundaram a primeira escola para surdos, inicialmente chamada de Imperial Instituto de Surdos e Mudos, atualmente conhecido como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

A Língua Brasileira de Sinais originou-se da Língua Francesa de Sinais e de várias outras formas de comunicação utilizadas pelos surdos de todas as partes do país. No início não houve aceitação por parte da sociedade ao uso dessa língua, pois, acreditavam que a única forma de comunicação seria a fala. Os surdos sofreram muito, de forma a ter suas mãos amarradas para que utilizassem a fala.

Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois, na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade 'disponível' para a maioria dos seres humanos. No entanto, essa parece ser uma questão de mero ponto de vista. (CARVALHO et al, 2004, p.36).

Em 1880, em um Congresso Mundial de Professores Surdos em Milão, decidiu-se que todo surdo devia ser ensinado no modo oral, acreditando que a leitura labial era a melhor forma de comunicação para os surdos. Mesmo com a proibição, os surdos não pararam de se comunicar por sinais. Somente em 1886, a pedido de A. J. de Moura e Silva, do governo brasileiro, que atuava como professor no INES, foi até o Instituto Francês para avaliar essa decisão e chegou à conclusão de que o método oral não era eficiente para todos os surdos, assim a prática da LIBRAS passou a ser aceita.

Em 1980, o INES intensificou o trabalho de pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais e sobre a educação de surdos, criando o primeiro curso de especialização para professores na área

da surdez. O Bilinguismo passou então a ser publicado, o surdo é bilíngue porque fala duas línguas, a LIBRAS e a Língua Portuguesa.

O Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo são as três abordagens utilizadas no Brasil, todas com relevância e representatividade no trabalho com os surdos. Essas abordagens são responsáveis por muitas discórdias e conflitos entre profissionais, sugerindo vários estudos na busca de definir uma abordagem que fosse considerada adequada para o surdo nas suas especificidades e na Educação de Surdos.

Atualmente, muitos são os estudos sobre a cultura surda e a evolução desse povo guerreiro que luta por igualdade de condições. O que fica claro é que a sociedade começa a despertar para o respeito à diferença cultural do surdo e desmistificar um pouco a surdez vista como deficiência desde a antiguidade.

A educação bilíngue nessa concepção é uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais como língua natural e partindo desse pressuposto para o ensino da língua escrita inserida. (CARVALHO et al.2004, p.57).

3.2 O PAPEL DA FAMÍLIA PARA COM A CRIANÇA SURDA

A aceitação da surdez por parte da família geralmente não é fácil, desta forma, entendemos que existe a necessidade de buscar informações e orientações com pessoas que vivenciam ou vivenciaram a mesma situação, e por profissionais que poderiam direcionar e aconselhar de forma a compreender a condição da criança e assim encontrar a melhor forma de ajudá-los em sua comunicação e interação com a sociedade. É necessário lembrar que, além da família, é preciso que haja profissionais especializados no dia a dia da criança surda para auxiliá-los no desenvolvimento.

Os pais têm como papel crucial propor aos seus filhos surdos, desde sempre, vivências com outras pessoas surdas, mostrar a eles que não são os únicos e que a surdez não é um problema, e sim uma solução quando se procura meios para a integração na sociedade. É fundamental que os surdos adquiram habilidades de comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais, fazendo com que eles criem sua própria identidade na sociedade e assim sua comunicação seja mais tranquila e de maior credibilidade.

Compreender a criança a ponto de buscar meios que possa ajudá-la a entender a surdez mostrando que é possível ter uma vida normal como qualquer outra criança. É necessário respeitar o momento dela e deixá-la fazer algumas coisas sozinhas para desenvolver a autoconfiança. É preciso apoio e dedicação com a mesma para que ela se sinta confiante ao demonstrar seus sentimentos e solicitar ajuda, desta forma, ela se sentirá acolhida quando sentir a família presente e disposta a buscar informações e conhecimentos sobre a surdez.

De acordo com Choi (2011), entender a cultura surda é tentar enxergar a pessoa com outros olhos, buscar maneiras de participar ativamente na surdez para que haja compreensão do que ela passa perante a sociedade. É necessário saber se todos conseguem de alguma forma adquirir uma base de como se comunicar e entender o surdo.

A família de uma forma única deve estabelecer o seu papel na formação dos indivíduos. Os primeiros passos para o desenvolvimento natural e social do ser humano são dados dentro da família, pois ela constitui o primeiro grupo no qual a criança é inserida e tem suas primeiras experiências e relacionamentos interpessoais. (S.FILHO; OLIVEIRA, 2010, p. 2).

Com a chegada de um filho surdo, a família se sente na obrigação de se adaptar a criança, para isso é necessário que todos a recebam de braços abertos e de forma a não deixar pensar que a surdez é uma “doença” ou algo negativo em sua vida, mas sim uma forma diferenciada de se comunicar. Sendo bem trabalhada a comunicação, ela pode ser muito bem aceita diante de seus colegas e todo o restante da população. É de suma importância passar para essa criança que ela é uma pessoa extraordinária, capaz de fazer as mesmas coisas que os outros. Assim, ela conseguirá captar qualquer tipo de ensinamento que lhe for proposto.

3.2.1 O Papel da Família sem o Apoio da Escola

A principal dificuldade da família para com a criança surda é a comunicação, é difícil entender o que se passa na cabeça da criança, por mais que consiga compreender algum tipo de sinal, é necessário que haja um conhecimento básico sobre a língua de sinais para que possa haver um diálogo com a criança. Seria necessário no mínimo, que os pais soubessem o alfabeto manual para ensinar as letras e os sinais para o filho surdo. Grande dificuldade também é a

aceitação da criança ou qualquer outra pessoa surda na sociedade, é difícil abrir uma porta sem que haja qualquer tipo de preconceito, a sociedade não está com a mente preparada para receber pessoas surdas em seu meio, não existe a LIBRAS como uma disciplina na escola para que a criança cresça sabendo respeitar e conversar com os surdos, e principalmente, é difícil ver algum tipo de especialização na área. Em casa, quando há condição, a família busca por meio da internet, livros e até mesmo profissionais um apoio à criança, mas o que fazer quando a mesma encontra dificuldades? Em alguns lugares é difícil alcançar algum tipo de ajuda que possa contribuir o mínimo que seja no desenvolvimento das pessoas surdas, não se escuta falar que elas estão tendo uma chance de procurar algum apoio para ajudar a conduzir a surdez.

Percebemos que os cuidados da família em relação ao surdo vão muito além do simples fato de cuidar propriamente dito, pois a família necessita se adequar às necessidades do novo membro em sua família, neste caso o surdo. É neste momento que os pais precisam estar dispostos a doarem boa parte de seu tempo ao aprendizado do filho surdo, já que eles são os responsáveis por grande parte do desenvolvimento emocional de seu filho. (ROCHA; RODRIGUES; SILVA, 2013, p. 2356).

Por consequência, é nítido distinguir a insatisfação dos pais quando descobrem que o filho é surdo, uma pessoa que se diz ser “normal”, quando percebe que seu filho é surdo, descobre que não está preparado para se adaptar a uma nova realidade, ainda mais quando nesse meio existem olhares curiosos da sociedade, que não estão prontos para aceitá-lo. A família descobre então a barreira que precisa enfrentar para que seu filho possa traçar objetivo sem que ambos e principalmente a criança surda cumpra, sabendo que essa é quem mais precisará da cooperação da família.

3.2.2 O Papel da Família juntamente com a Escola

A família já conhecendo a surdez de seu filho, precisa estar ciente de todos os obstáculos que podem surgir no decorrer da vivência escolar da criança, ela precisa estar psicologicamente preparada para ajudar a criança a enfrentar os preconceitos e as dificuldades no decorrer de sua vida.

Dentro da escola, a equipe pedagógica deve estar ciente do aluno que está recebendo, se faz necessário um profissional na área para ajudar com a comunicação, com a socialização. O comprometimento deve ser de todos: escola, família, profissionais da área e principalmente da criança. Não deve haver de forma alguma, qualquer tipo de exclusão dos alunos surdos, é indispensável o trabalho em equipe, as atividades e provas deverão ser adaptadas, porém, de forma clara e simplificada para que haja entendimento e desenvolvimento. Quando a escola e a família estão preparadas para lidar com a criança surda, todas as dificuldades encontradas se tornam pontos positivos para se descobrir as melhores estratégias para o desenvolvimento satisfatório no ensino aprendizagem da criança, até mesmo na adaptação do aluno com a escola, colegas e professores.

A educação tem papel fundamental, sendo a escola o espaço na qual se deve favorecer, a todos os cidadãos, o acesso do conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização, no exercício efetivo da cidadania. (FREITAS; SOECKI, 2015, p. 2).

Ainda segundo Freitas e Soecki (2015, p. 3) “É no dia-a-dia escolar que crianças e jovens, enquanto atores sociais têm acesso aos diferentes conteúdos curriculares, os quais devem ser organizados de forma a efetivar a aprendizagem”. Para que as crianças surdas vivam em uma sociedade inclusiva é preciso que os responsáveis e a escola tomem decisões que os ajude educacionalmente e pessoalmente, qualquer atitude que for tomada deve ser conscientizada.

Para vivermos em uma sociedade inclusiva. Os educadores precisam estabelecer um relacionamento aberto e cordial com a família dos alunos para conhecer melhor suas necessidades, hábitos e comportamento pais e professores precisam ter uma relação de cooperação no atendimento às necessidades especiais da criança, ambos participando de todas as decisões que envolvem o aluno, fazendo valer os seus direitos junto aos órgãos competentes. (FREITAS; SOECKI, 2015, p. 5).

É necessário entender que não é fácil, mas também não é impossível os alunos surdos aprenderem, existe uma lei de inclusão e é preciso obter informações necessárias para que a educação das crianças e jovens seja afetiva. A escola deve estar apropriada para acolher as pessoas com surdez, de acordo com o que determina a lei. Embora a maioria das escolas não cumpra a lei, é justo o aluno procurar pelos seus direitos de frequentar a escola e o que mais lhe for de direito.

3.3 SURDO X DEFICIENTE AUDITIVO

A deficiência auditiva e a surdez são termos distintos, porém, andam paralelamente, e é necessário compreender a diferença entre eles. A deficiência auditiva é adquirida quando a pessoa tem a perda parcial ou total da capacidade de ouvir sons por conta de algum tipo de acidente ou sequelas durante a vida. Existem vários tipos de graus de perda auditiva, desde leve até o mais grave, deixando a pessoa privada de ouvir ruídos. De acordo com Aragon e Santos (2015, p. 125), “A definição de deficiência auditiva considera que a pessoa com alguma limitação ou impedimento auditivo tem uma incapacidade”.

A deficiência auditiva pode ser adquirida por qualquer tipo de pessoa ao longo de sua vida e a pessoa que a adquire precisa buscar apoio profissional para descobrir o seu nível de deficiência e depois o grau de perda auditiva. Alguns exemplos do que pode ocasionar a deficiência auditiva, são: o envelhecimento, alto ruído, até casos de hereditariedade, lesões traumáticas e doenças como caxumba, meningite, sarampo e escarlatina, pode ser decorrente de uma perfuração do tímpano, e se houver acúmulo de cera pode ocasionar a perda auditiva por bloquear o canal auditivo.

Pode ocasionar a perda auditiva também, quando a pessoa trabalha em ambientes barulhentos, com carros de som, e soldados que utilizam armas de fogo e máquinas industriais.

“A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com diferentes graus de perda da audição” (BRASIL, 2006 p. 21).

A pessoa surda é aquela que nasce surda. Algumas conseguem identificar ruídos e outras não. Se a família da criança aceitar a surdez desde o descobrimento, facilitará o seu processo de alfabetização, comunicação e aprendizagem através de acompanhamentos com especialistas que auxiliarão no processo. Com isso ela pode adquirir aos poucos o hábito de falar e se comunicar mesmo sem ouvir nada.

Existe o implante coclear que é utilizado pelas pessoas que têm a surdez severa a profunda. A cóclea nesse caso fica desgastada, o que faz com que os aparelhos auditivos não funcionem mais. O IC é implantado na pessoa surda através de uma cirurgia. Se a criança fizer

esse implante até os dois anos de idade, pode desenvolver sua oralidade de forma mais simples, através de terapias fonoaudiológicas.

De acordo com Aranha (2006, p. 30), “O Implante coclear é uma prótese auditiva composta de componentes internos e externos que substituem as células sensoriais do órgão de Corti, ativando diretamente as terminações nervosas do nervo auditivo”. O implante serve para as pessoas que não conseguem mais ouvir com aparelhos auditivos normais, o coclear é ativado na pessoa através de uma cirurgia feita na pessoa com surdez grave, com o aparelho os surdos conseguem captar sons através de meios elétricos ligados direto ao nervo auditivo.

O surdo tem somente uma diferença com relação aos ouvintes que é a cultural. O mesmo tem capacidade de aprender e se desenvolver normalmente como as pessoas ouvintes, é necessário somente respeitar a sua particularidade linguística e cultural. (ARAGON, SANTOS, 2015).

Com isso, devemos estar preparados e de mente aberta para receber não só os surdos, mas todo e qualquer tipo de pessoa, independentemente de seu potencial e limite, devemos respeitar e ajudá-los a ser incluídos.

Para Aragon e Santos (2015, p. 125), “A definição de surdez considera o sujeito surdo como aquele que tem apenas uma diferença linguística, e, conseqüentemente, uma diferença cultural”.

A surdez tem uma perda total do som, mas também pode haver surdos que conseguem identificar alguns ruídos e sons. Lembrando que a pessoa é considerada surda quando nasce sem ouvir e não quando adquire a perda da audição.

A pessoa surda não se considera deficiente. As pessoas que convivem com o surdo não sentem dificuldade de comunicação no dia a dia, pois, a comunicação flui de forma natural.

Existem vários níveis para a deficiência auditiva, são elas:

- ✓ Deficiência auditiva condutiva: é a interferência na condução do som desde o conduto auditivo, na maioria dos casos pode ser corrigido com tratamento ou cirurgia;
- ✓ Deficiência auditiva neurossensorial: é uma lesão na orelha ou no nervo auditivo, pode ser unilateral ou bilateral, leve ou profunda podendo ser classificada de duas maneiras:
Sensorial, quando o ouvido interno é afetado ou neural, quando existe um comprometimento do nervo auditivo ou de suas vias hereditárias. A deficiência é irreversível.

- ✓ Deficiência auditiva mista: é quando a pessoa tem uma combinação na perda da audição, essa combinação se dá por conta da perda auditiva condutiva e sensorial neural.
- ✓ Deficiência auditiva central: é a diminuição da sensibilidade auditiva que se manifesta por diferentes graus de dificuldades nas compreensões das informações sonoras.

3.3.1 Graus de Perda Auditiva

Parcialmente surdo é aquela pessoa com surdez leve ou moderada e o surdo é o portador de surdez severa e profunda.

Vejamos abaixo os graus de perda auditiva:

- ✓ Surdez leve: é quando o indivíduo apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Devido a essa perda o mesmo não percebe igualmente todos os fonemas das palavras, assim uma voz fraca ou muito distante não é ouvida e essa perda auditiva não impede que o indivíduo tenha aquisição normal da língua oral.
- ✓ Surdez moderada: é quando o indivíduo tem perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. É necessário que ao falar com esse indivíduo tenha um tom de voz com mais intensidade, a pessoa não consegue acompanhar uma conversa caso tenha um ruído no fundo. É normal que haja atraso na linguagem, alterações articatórias e a pessoa pode ter um grau de isolamento.
- ✓ Surdez severa: é o indivíduo que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis, nesse tipo o indivíduo identifica alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas as vozes fortes. Se a família for bem orientada pela área da saúde a criança poderá adquirir linguagem oral.
- ✓ Surdez profunda: é a perda superior a noventa decibéis, essa perda faz com que o indivíduo seja privado totalmente de qualquer tipo de som, e assim é impedido de adquirir a linguagem oral. Esse indivíduo geralmente utiliza uma linguagem gestual, e assim terá pleno desenvolvimento linguístico por meio da língua de sinais.

3.4 A CRIANÇA SURDA NO MEIO ESCOLAR

Entendemos que é direito do surdo uma escola inclusiva, mas sabemos que a inclusão acontece de forma errada, quando há crianças que precisam, não são atendidas como deveria ser. É preciso que essa inclusão aconteça de forma positiva e ajude as pessoas que precisam. Para que isso ocorra, as escolas precisam estar devidamente equipadas e adaptadas para receber a criança, assim é preciso que haja um tradutor e intérprete, lembrando que a criança antes de aprender a Língua Portuguesa, precisa aprender a Língua Brasileira de Sinais, isto é, a LIBRAS sendo sua primeira língua e a Língua Portuguesa sua segunda língua.

A partir dos doze meses de idade a criança surda desenvolve seus primeiros sinais de comunicação. Com dois anos, ela começa a fazer as primeiras combinações e é a partir daí que a criança se comunica com outras pessoas surdas para enriquecer seu conhecimento e começar a adquirir sua identidade cultural.

Os professores, juntamente com a direção da escola, deverão elaborar projetos de aprendizagem que envolva a comunicação em LIBRAS, o que facilitará a comunicação do aluno surdo com os demais alunos da escola. Segundo Capovilla (2004), “É vital compreender a situação de desvantagem em que se encontra a criança surda por ter dificuldade em se comunicar com o restante dos alunos”. Desta forma, faz-se necessário buscar informações pertinentes sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais, para que as escolas e todos os envolvidos possam contribuir de maneira significativa, favorecendo a inclusão e a comunicação dos surdos no meio em que vivem.

3.5 A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR LIBRAS NA ESCOLA

Como vem sendo discutido no decorrer desta pesquisa, sabemos que muitos profissionais da área da educação não tem o devido conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, dificultando a comunicação e a interação com o aluno surdo.

A comunicação em LIBRAS é tão importante para o aluno surdo como para os que estão ao seu redor, aqueles que fazem parte do seu cotidiano.

A LIBRAS, para o sujeito surdo é o meio de interação para que as pessoas se comuniquem, não de forma oral, mas visual, possui a mesma importância que a língua oral oferece, as mesmas possibilidades de comunicação, de uma forma visual, cumprindo um papel fundamental na vida de uma pessoa surda, por isso não pode ser ignorada pela escola no seu processo de ensino aprendizagem, pois, é a base para a comunicação dos surdos.

Segundo Choi (2011, p. 35), a língua de sinais é o principal meio de interação social para a maioria das pessoas surdas, é por ela que costumam ter acesso ao conhecimento de mundo em geral.

Afirmam Lacerda e Lodi (2010, p. 53) que a língua de sinais é fundamental para os processos de desenvolvimento de linguagem e aprendizagem da criança surda, pois, é por meio desta que ela vai ter acesso ao conhecimento e poderá interagir com o mundo.

3.6 A LEI QUE GARANTE A EDUCAÇÃO PARA AS PESSOAS SURDAS

A LIBRAS é a ferramenta primordial para a comunicação dos surdos. Existe uma lei que as escolas têm o dever de conhecer a fim de compreender os direitos dos alunos surdos. De acordo com o decreto 5626 CAPÍTULO VI, DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

- I. Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos e ouvintes, com professores bilíngues, na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.
- II. Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, clientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de LIBRAS – Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a LIBRAS e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de LIBRAS.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da LIBRAS.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de LIBRAS – Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação à distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de LIBRAS – Língua Portuguesa e sub titulação por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto n} 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

Havendo uma lei que visa defender os direitos dos surdos, cabe aos pais ou responsáveis fazer com que ela seja cumprida para o melhor desenvolvimento do sujeito.

Já está previsto em lei a presença de intérpretes de LIBRAS em diferentes instituições sociais, como por exemplo, escolas, universidades, programas de televisão, palestras, eventos sociais entre outros. Assim, a língua de sinais garante ao surdo a possibilidade de reconhecimento e legitimação desta forma de comunicação, uma vez que está estabelecida em lei. (ALMEIDA, 2012).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa, foi possível entender o importante papel que a família e a escola desempenham para contribuir no desenvolvimento e na socialização do aluno surdo. Com a parceria de ambos é possível conquistar resultados positivos, tanto na vida escolar como na vida pessoal, preparando o surdo para o mundo e para enfrentar os obstáculos que aparecerão no decorrer de sua vida.

A inclusão de alunos surdos em escolas regulares é de suma importância para o desenvolvimento da criança, a metodologia com que a escola trabalha com o aluno surdo e com o apoio dos pais, a criança surda desenvolve de maneira significativa a aprendizagem, bem como sua autonomia.

Existem vários meios e recursos para a socialização, comunicação e aprendizado do aluno surdo, mediante a utilização da LIBRAS, dos aparelhos auditivos e em alguns casos do implante coclear.

Ressaltou-se a importância dos familiares em buscar apoio, informações referentes a legislação, para que seus filhos surdos tenham conhecimento a respeito dos seus direitos, e desta forma usufruir e lutar pelos mesmos.

O principal meio da comunicação para o surdo é a Língua Brasileira de Sinais, é mediante ela que o surdo consegue se comunicar e interagir com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano, não de forma oral, mas de forma visual.

LIBRAS é a primeira e mais importante língua utilizada pelos surdos, em seguida entra a Língua Portuguesa como segunda língua, onde os surdos aprendem a escrever e compreender a forma escrita.

Os surdos não gostam de serem chamados de deficientes.

Com a pesquisa, foi possível compreender que existem muitas pessoas surdas “excluídas” da sociedade por falta de compreensão, pois, os ouvintes não possuem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que é a língua materna dos surdos.

Segundo Nunes (2010), é necessário que a família cumpra seu papel principal de atuar na vida de seu filho surdo, junto com a escola participe da evolução do filho de forma a ajudá-lo sempre que necessário, possibilitando que ele adquira autonomia. Os pais são as fontes principais

para o desenvolvimento das crianças e a escola é a complementação, contribuindo no processo do ensino aprendizagem de cada aluno.

O aluno precisa se sentir confiante no ambiente em que está inserido, sem se sentir excluído. A escola e a família precisam juntas acompanhar o desenvolvimento da criança ou adolescente para obterem resultados positivos no processo de ensino aprendizagem.

Desta forma, concluímos que a inclusão de alunos surdos na escola e a comunicação da Língua Brasileira de Sinais devem ser feita de forma correta, ou seja, compreendendo o verdadeiro sentido da inclusão e entendendo que a comunicação mediante a LIBRAS é fundamental para a criança surda.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. F. O. A importância da comunicação em LIBRAS na vida das pessoas surdas. **Portal da Educação**, Campo Grande. Ano 12. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-importancia-da-comunicacao-em-libras-na-vida-das-pessoas-surdas/22074>>. Acesso em: 17 jan. 2018.
- ARAGON, C. A. SANTOS, I. B. **Deficiência auditiva/surdez: conceitos, legislações e escolarização**. Educação, Batatais, ano 15, n. 2, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/laiso/Downloads/sumario6.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- ARANHA, Maria Salete Fábio. **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP/MEC, 2006.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial: Educação especial, um direito assegurado**. Brasília: DF, 1994.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Saberes e Práticas da Inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização surdez**. Disponível em: <<portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2018.
- CAPOVILLA, F. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- CARVALHO, O. L. et al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**. Caminhos para a Prática Pedagógica. Brasília, 2004.
- CHOI, D. et al. **Libras: Conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Person, 2011.
- S. FILHO, G. O; OLIVEIRA, R. R. dos S. Os Desafios na comunicação entre os surdos e a família. **WebArtigos**, ano 10, jan. 2010. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/os-desafios-na-comunicacao-entre-os-surdos-e-a-familia/31113/>. Acesso em: 16 jan. 2018.
- FREITAS, M. de J. O; SOECKI, A. M. **O Papel da Família no Processo de Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Regular**. Disponível em: <revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/211/pdf>. Acesso em: 31 jan. 2018.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Ano 98, set. 1998. Disponível em:

<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0101-32621998000300007&/ng=pt&tln=pt>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B de (Org.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 17.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 85-86.

NUNES, M. T. D. **Família, Escola e Educação de Surdos**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1584/Nunes_Marcia_Teresinha_Dorneles.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ROCHA, L. R. M; RODRIGUES. L; SILVA, T. A Importância do Aprendizado da Língua de Sinais no Seio Familiar do Surdo. **VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, Londrina, ano 13, nov. 2013. Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT07-2013/AT07-031.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

STUMPF, M. R. Letramento na língua de Sinais Escrita para Surdos. In: MOURA, M. C.; CAMPOS, S. R. L.; VERGAMINI, S. A. A. (Org.). **Educação para Surdos: práticas e perspectivas II**. São Paulo: Santos, 2011. cap. 2, p. 16.

Autorizamos cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica das autoras. Autorizamos também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Ana Laura da Silva Pereira

Laís Olivia Monteiro

Mayara de Paula Pires

Pindamonhangaba, Junho de 2018.